



CORPO DE DELITO

Da condição humana do ferro

O ferro, na sua metafórica condição humana (et pour cause), não sabe responder à questão de saber se a correção relevante é para connosco mesmos ou para com os outros e se, havendo divergência, é possível alcançar um ponto saudável de equilíbrio



Rui Patrício

O ferro tem várias parecências com o ser humano. Esta ideia (aparentemente bizarra) ocorreu-me não sei bem quando, mas sei que foi na presença de uma escultura de Julio González. Não recordo qual delas. E creio que poderia ter sido perante qualquer outra peça ou até mesmo perante um informe (se é que algo neste mundo é informe) pedaço de ferro, mas foram a graça e o drama do traço do catalão que me despertaram para a nobre condição humana deste metal. Com o homem, ele partilha a ambivalência, o mistério, os paradoxos. Como o homem, ele tem tanta capacidade construtiva quanto destrutiva, é tão criador e fecundo quanto demolidor e árido. O ferro é capaz, igualmente, de trazer a morte e a vida. Com ele fazem-se armas, armaduras, instrumentos de tortura, máquinas infernais, com ele causam-se feridas letais, inflige-se dor. Mas com o ferro também se fazem alfaias agrícolas, edifícios que abrigam, pontes que unem, máquinas que salvam, instrumentos que curam. E o ferro é tirado das entranhas da terra e feito de fogo. É alimentado

Como o homem, ele tem tanta capacidade construtiva quanto destrutiva, é tão criador e fecundo quanto demolidor e árido

com ar e arrefecido com água. E nem lhe falta a natureza obscura de um quinto elemento, a poesia; basta que a queiramos e consigamos ver ou construir nas suas formas. O ferro é tal qual o ser humano, e nem é preciso González para no-lo ensinar.

Mas o ferro, na sua metafórica condição humana (et pour cause), não sabe responder com exatidão – como creio que cada um de nós também não sabe – à questão de saber o que é preciso para se ser correto. E não é por esta ser uma questão difícil, já que o ferro é material para muitas dificuldades, mas por ser uma tarefa às vezes impossível, na medida em que ela depende sempre de saber se a correção relevante é para connos-

co mesmos ou para com os outros e se, havendo divergência, é possível alcançar um ponto saudável de equilíbrio. Muitas vezes, essa correção coincide e, nesses casos, a resposta é possível, e nem é difícil. Mas outras vezes não coincide, isto é, o que é para nós correto pode não ser para os outros, ou vice-versa. Então, aí, a tarefa de responder à questão toca ou ultrapassa mesmo as fronteiras da impossibilidade. Não no sentido de que não seja possível uma resposta, já que basta escolher um caminho. Mas no sentido de que qualquer resposta que implique escolher apenas um lado, o nosso ou o dos outros, não é uma verdadeira resposta, na medida em que nem nós mesmos nos bastamos, nem podemos

perante os outros prescindir de nós.

Donde só o ponto saudável de equilíbrio é uma verdadeira resposta, mas a tarefa é algumas vezes de tal dificuldade que se pode revelar impossível, levando à escolha do caminho do eu ou do caminho dos outros, sacrificando um dos lados quando há divergência sobre o que é correto. Questão difícil, tarefa dura e ambivalente, como o ferro. Caminho solitário e silencioso, trilhado nas entranhas, moldado em fogo, arrefecido em água. Com pontes que unem, mas também com armas que ferem. Portas que abrem ou fecham, mas sempre férreas.

Escreve à sexta-feira



O ferro é tirado das entranhas da terra e feito de fogo

SHUTTERSTOCK